

4.

CONCLUSÃO

Por fim, analisando a proposta de libertação empreendida por Rubem Alves, percebe-se que os resultados de sua reflexão heterodoxo-criadora sobre o tema da libertação humana podem ser compreendidos quando olhamos atentamente para sua biografia. Desde a infância, quando pela primeira vez Rubem se sentiu protestante/diferente em uma escola no interior de Minas, até em sua carta de demissão da Igreja Presbiteriana no Brasil, observamos nele uma teologia que dificilmente se encaixava nos limites de uma ortodoxia.

Rubem Alves, em seus escritos, transcendeu os limites dogmáticos do pensamento reformado e, na contramão de sua igreja, produziu uma reflexão antitética que colocava o ser humano no centro do pensamento teológico. Para o teólogo mineiro, a obsessão calvinista pela glória de Deus retirava os olhares dos líderes presbiterianos brasileiros da urgente tarefa da libertação humana de toda estrutura que impossibilitava a vida.

A justificação pela fé esvaziava o ser humano de sua criatividade, colocando-o em uma completa e apática passividade. O pessimismo da antropologia protestante impedia o ser humano de construir, através de sua criatividade, uma *ordo amoris* na qual ele pudesse morar. As ações humanas se limitavam em uma espera ociosa pela escatologia realizada por Deus.

Aquele “ridículo” garoto do interior de Minas, com um sotaque diferente, tornou-se uma importante voz que recolocou o protestantismo brasileiro no chão da história. Os dualismos corpo/alma, terreno/extraterreno e sensível/espiritual foram superados pelas reflexões alvesianas que encontraram no ser humano (ser corpóreo) o centro de sua teologia e vida.

Rubem Alves é, sem dúvida, um defensor ferrenho da vida e do prazer que ela oferece. Suas palavras exaltaram dimensões esquecidas por teólogos aprisionados em seus escritórios. Tornou-se um poeta/teólogo porque soube valorizar as experiências estéticas acumuladas na vida. O desprezo pela Terra e pela vida era, para Rubem, a herança que o protestantismo deveria esquecer para experimentar as alegrias bíblicas que o próprio Cristo encarnado experienciou.

No seminário, em Campinas, Rubem compreendeu que os autores da Bíblia se sentiam em casa no mundo. A postura dos homens e mulheres inspirados era de

valorização e não desprezo pela vida. Esse contraste, percebido na leitura das letras inspiradas, convidaram o nosso autor a forjar virulentas críticas ao protestantismo divorciado do prazer e do sentido erótico da vida.

Foi lá em Campinas, que o teólogo estudado aprendeu a ver a vida de dentro de um furacão. Seu professor e amigo, Richard Shaull, ensinou que Deus deveria ser encontrado não nos lugares calmos e silenciosos, mas nos problemas do mundo. “*Tirem os olhos das pedras*”, “*saíam dos abrigos subterrâneos*” dizia Shaull aos seus alunos no Seminário Presbiteriano de Campinas. Entre esses atentos alunos estava Rubem. As palavras de Shaull foram a libertação de Rubem dos dogmatismos intolerantes que agrilhoavam o pensamento teológico no além-mundo.

O contato com Shaull fez de Rubem Alves um progressista dentro da IPB. Suas idéias e palavras destoavam da linguagem comum pregada pelos pastores nos púlpitos das igrejas evangélicas no Brasil. Enquanto estes pregavam a salvação da alma de uma perdição eterna, Alves apontava para as desigualdades e injustiças de uma sociedade que exaltava os ricos e poderosos em detrimento dos pobres e oprimidos.

O ser humano integral era, na antropologia alvesiana e judaico-cristã, a preocupação de Deus e de sua Palavra. A encarnação foi, sem dúvida, a espinha dorsal da teologia bíblica. Ou seja, um Deus que se fez carne (João 1,1.14) com certeza é um Deus voltado para o ser humano. Por isso a *solí Deo gloria* se tornou profundamente esvaziada de sentido nessa urgente tarefa da libertação humana. Na teologia de Alves, o ser humano integral e, mais precisamente, o corpo se tornou a sua prioridade axiológica.

Seu pensamento progressista e heterodoxo tornou-se desconfortável na igreja onde iniciou sua caminhada cristã. Desde o seu retorno dos Estados Unidos, após a conclusão de seu mestrado no Union Theological Seminary, a situação de Alves foi se complicando na IPB. Nesse ínterim, Alves foi convidado para fazer um doutoramento no Seminário Teológico de Princeton. Lá em Princeton, Alves escreveu sua tese cujo nome era: “A Theology of Human Hope”. Eis aí um dos primeiros afluentes da Teologia da Libertação.

Nessa tese, Alves anuncia o messianismo humanista como a linguagem da comunidade de fé. Essa linguagem se tornou o protesto profético-político contra a

linguagem tecnológica da civilização moderna e contra a teologia cultivada no norte-atlântico.

A partir da linguagem do humanismo político, Alves arquitetou uma linguagem de denúncia ao virtuosismo quantitativo pregado pela linguagem do tecnologismo. Para ele, a exaltação do quantitativo, protagonizada pela civilização moderna e tecnológica, promoveu a imobilidade humana na busca do qualitativo. O ser humano, tornado unidimensional, pelas estruturas tecnológicas largou o *script* da vida nas mãos dos que detinham o poder. O ser humano escravizou-se nas ilusões quantitativas deixando de lado a construção qualitativa de um mundo melhor e humano.

A linguagem da comunidade de fé – o messianismo humanista – tornou-se não somente em uma crítica à civilização tecnológica, mas transcendendo-a tornou-se também na crítica à teologia do norte-atlântico. Essa teologia, com preocupações de tornar a mensagem do evangelho audível no mundo contemporâneo, esqueceu-se de contemplar em suas reflexões os esquecidos da história.

O caráter a-histórico das teologias estadunidense e européia não lhe permitiram ser a crítica-profética das consequências antropológicas sentidas nos países do assim chamado terceiro mundo. Foi na América Latina que nasceram os esforços sociológicos e teológicos que formaram uma consciência crítica que se tornou a interpelação das inumanidades do presente.

O messianismo humanista recolocou o ser humano na construção de um mundo mais humanizado. Os esquecidos, em Alves, tornaram-se co-autores – com o Deus/Autor – na construção de uma *ordo amoris* na qual os seres humanos se sentissem em casa.

Nos mesmos caminhos iniciados no último capítulo da tese “A Theology of Human Hope”, o “Tomorrow’s Child” foi a continuação, porém mais livre e heterodoxa, sobre a temática da libertação humana. Nesse livro, o tema da libertação é trabalhado a partir de elementos heterodoxos no que diz respeito à linguagem dos teólogos clássicos da libertação.

A imaginação, a experiência lúdica, a magia e a utopia são trazidas, na reflexão proposta por Alves, como elementos heréticos, disfuncionais e, portanto, subversivos na crítica impetrada à civilização moderna. Se os dogmas da

civilização moderna são a sanidade, a funcionalidade e a passiva adaptação, Alves anuncia, através desses elementos heréticos, o caráter inconcluso do mundo.

Se para a civilização moderna, a insanidade e a ilusão desses elementos precisam ser deixadas de lado, para Alves esses elementos, intrinsecamente humanos, são os sintomas do caráter inconcluso do mundo. O que é não pode ser verdade. Nesse sentido, esses elementos se tornaram o combustível para a busca da libertação humana.

Ao terminar essa pesquisa percebi a fertilidade do pensamento de Rubem Alves, a ponto de vislumbrar ainda a possibilidade de expandir essa pesquisa para conceitos tais como corporeidade e teopoética que foram vanguardistas para a época em que os pressupostos da sociologia marxista fundamentavam o discurso teológico latino-americano. Isso sem contar a inserção da psicanálise e da pedagogia no processo da formação intelectual e da produção bibliográfica do teólogo de Boa Esperança.

O corpo, na teologia de Alves, é pensado enquanto criador de mundos e, portanto, centro de tudo o que existe. O corpo não é só criador, mas ele é pensado enquanto acolhedor dos demais corpos e da natureza. Há nele a expressão de seu amor sem limites. Porque é o corpo que, através de um abraço, afirma a fraternidade com o outro que sofre as dores do presente século.

O corpo é frágil e nele habita a cotidiana luta do Eros e do Tânatos. Mas o corpo, segundo Alves, está destinado à eternidade. O corpo é prioridade axiológica e, portanto, é pensado através do símbolo bíblico da ressurreição. O corpo é anterior a qualquer cultura ou universo simbólico e por isso não podem ser fins. Só o corpo é fim e começo de novos universos simbólicos e culturas.

O corpo não procura só satisfazer necessidades biológicas, mas transcendendo-as busca viver prazerosamente a vida. Ou seja, procura em sua eterna luta pela libertação experiências eróticas tais como paixão, amor, abraços e sorrisos. Procura intimidade com outros corpos, com a natureza e com os objetos que dão prazer.

A Soter (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião) dedicou a esse tema o seu congresso de 2004. José Comblin, Antônio Moser, Ivone Gebara, Leonardo Boff, Maria Clara Bingemer e outros meditaram, em diferentes perspectivas, sobre a temática da corporeidade. Aquilo que era “desnecessário” – “a-histórico”

– nos finais da década de 60, tornou-se extremamente relevante para a nossa cultura.

No que diz respeito à teopoética, precisamos concordar com Antônio Carlos Magalhães. Em “Deus no espelho das palavras” diz que Alves foi o primeiro a se apropriar de uma fala que tinha como interlocutores os poetas e os literatos. Para Alves, a fé a experiência religiosa não podem estar cativas em um mundo conceitual estabelecido pelo padrão da igreja ou da tradição. Para Alves, a poética não é somente um material a ser estudado pela teologia, mas um lugar privilegiado de compreender e apresentar as verdades essenciais da fé cristã. Nesse sentido, a teologia cristã precisa reconhecer que na própria literatura já há teologia a ser apropriada em diálogo com a tradição cristã. Para além do simples conceitualismo temos como possíveis interlocutores homens e mulheres que falaram da vida de maneira poética.

A teopoética e a corporeidade se tornam um mundo extremamente fértil para futuras pesquisas. O vanguardismo de Rubem Alves (nos finais da década de 60) precisa ser acolhido hoje como uma importante contribuição para a teologia latino-americana.